

Antiguidades do Lousal (Grândola)

Sepulturas descobertas

POR

O. da Veiga Ferreira e A. Rodrigues Cavaco

As investigações arqueológicas na área de Lousal — zona compreendida entre as minas de cobre do Lousal e as da Serra da Caveira, Grândola — começaram em meados de Abril de 1952 sob a orientação de um dos signatários (R. Cavaco).

Sobre a primeira descoberta realizada foi publicada uma nota, devido à importância do primeiro monumento encontrado (1).

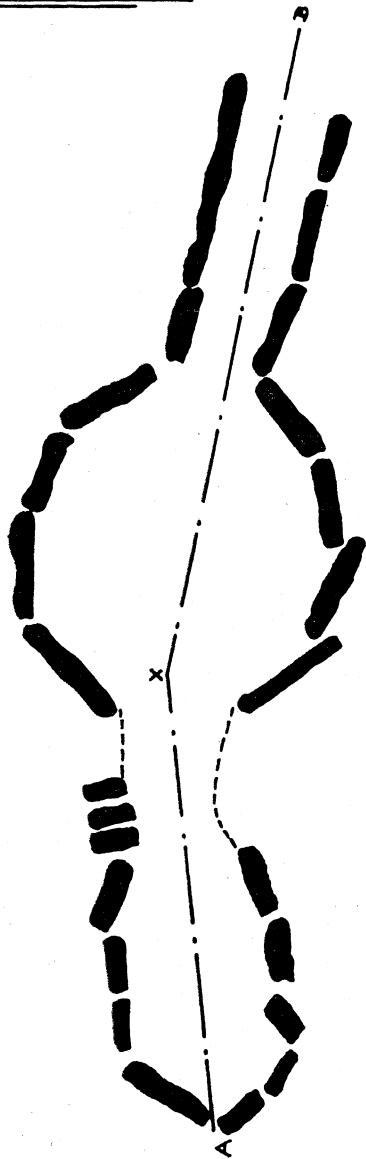
Nas explorações, que continuaram durante o ano de 1952, foram localizados dois núcleos de monumentos megalíticos, algumas cistas possivelmente argáricas e uma sepultura romana. É sobre estes monumentos funerários que faremos menção na presente nota.

A primeira zona explorada, fica a cerca de 1.000 metros para Poente das minas do Lousal, e aí foram encontrados três monumentos megalíticos, uma cista da idade do ferro, junto ao terceiro daqueles monumentos, e um grupo de cistas isolado.

Monumento n.º 1 do Lousal. — Foi descrito e estudado na nota acima referida.

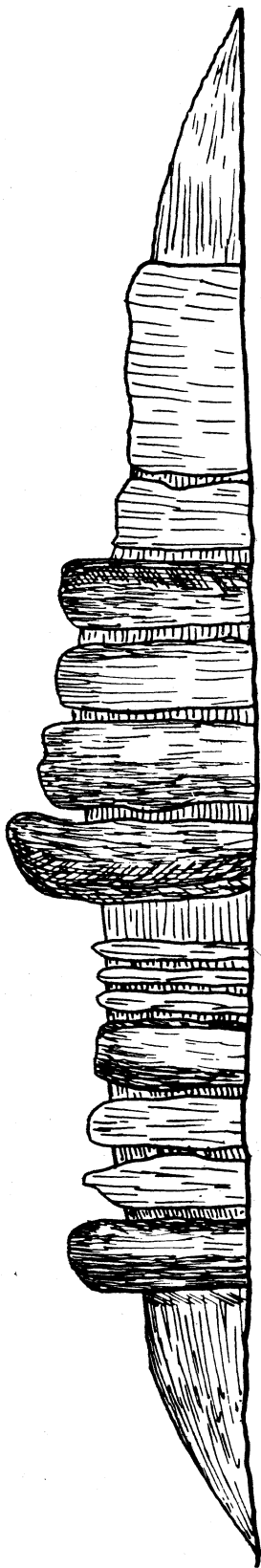
(1) O. da Veiga Ferreira e A. Rodrigues Cavaco — *O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola)*, «Com. Serv. Geol. de Portugal», T. xxxiii, 1952.

Nm.



PLANTA

0 2 m.



CORTE

Fig. 1

Sepultura n.º 2 do Lousal. — Situada a cerca de 2.000 metros da pirâmide geodésica «Bairros» no rumo 188°. Este túmulo é uma pequena galeria coberta ou cista megalítica, semelhante a algumas encontradas nas Caldas de Monchique (1). Os mesmos esteios, a mesma altura, a mesma forma, etc. Como espólio, apenas encontramos à entrada duas vasilhas do tipo semiesférico de grande abertura, precisamente com o mesmo aspecto das do Algarve e de certas regiões do Alentejo.

Sepultura n.º 3 do Lousal. — Situada a cerca de 1.050 metros da pirâmide geodésica «Bairros» no rumo de 176°. Monumento muito danificado apresenta uma cripta circular tendo actualmente só quatro esteios, e uma pequena galeria com um grande esteio dum lado e dois do outro. O seu aspecto faz pensar num monumento de falsa cúpula. Porém, como se disse, o seu estado de destruição é grande. Como espólio apenas foi encontrado restos de dois vasos de cerâmica lisa, e uma pedra furada para servir de pendeloque ou rude botão em virtude da sua furação.

Encostada a esta sepultura foi encontrada uma cista com restos de cerâmica atípica e quatro instrumentos de ferro. Os instrumentos de ferro, muito corroídos, parecem-nos lanças. A presença de instrumentos de ferro leva-nos a admitir esta idade na área do Lousal. Porém, com os elementos encontrados, nada de certo se pode afirmar. Limitamo-nos por isso a registar o facto.

A cerca de meio quilómetro para W do primeiro monumento do Lousal identificamos um cemitério constituído por cistas. A superfície do terreno está coberta delas, mas apenas exploramos duas. O seu aspecto lembra as de tipo argárico do Alentejo

(1) J. Formosinho, O. da Veiga Ferreira e A. Viana — *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique*, «Trab. de Antrop. e Etnol.», Vol. XIV, fasc. 1-2, 1953.

e Algarve, conquanto sejam um pouco maiores. Não foi encontrado nenhum objecto.

A segunda zona explorada, conhecida pelo nome de Monte das Boiças, fica a cerca de 7.000 metros para NW do monumento n.º 1 do Lousal. Aí foram localizadas e exploradas mais três sepulturas megalíticas. A primeira, é um monumento de proporções gigantescas, conhecido no local, pela pedra da pata

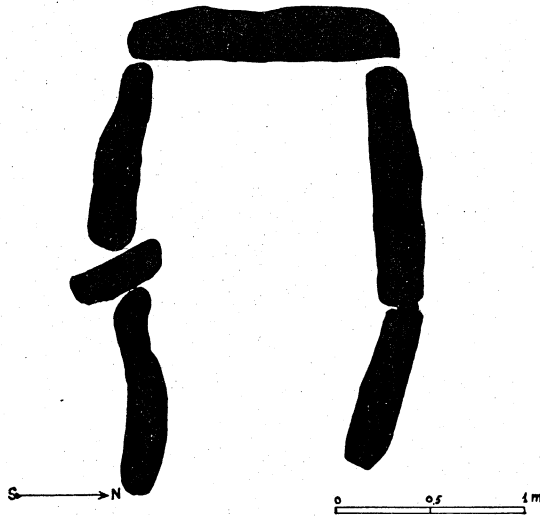


Fig. 2

do cavalo. Vamos descrevê-lo para dar uma ideia da sua grandiosidade. É constituído em planta por duas partes: a cripta e a galeria. A cripta, formada por oito esteios (os que restam actualmente), atinge no seu maior diâmetro quase 6 metros. Alguns dos esteios medem $2^m,00 \times 3^m,00 \times 0^m,60$. Como se vê são pedras gigantescas.

A galeria, actualmente com quatro esteios e um travessão, é reduzida em relação à grandiosidade da cripta. Durante a exploração do monumento que havia sido violado, notamos entre

os esteios restos de parede feito de pequenas pedras, assim como, notamos também enorme quantidade delas no meio da câmara, o que nos leva a pensar, ter sido coberto com uma gigantesca falsa cúpula. O monumento tem restos do «tumulus», que lhe dá visto da base da mamoa, um aspecto imponente de castelo antigo. É o maior monumento que conhecemos, com a excepção

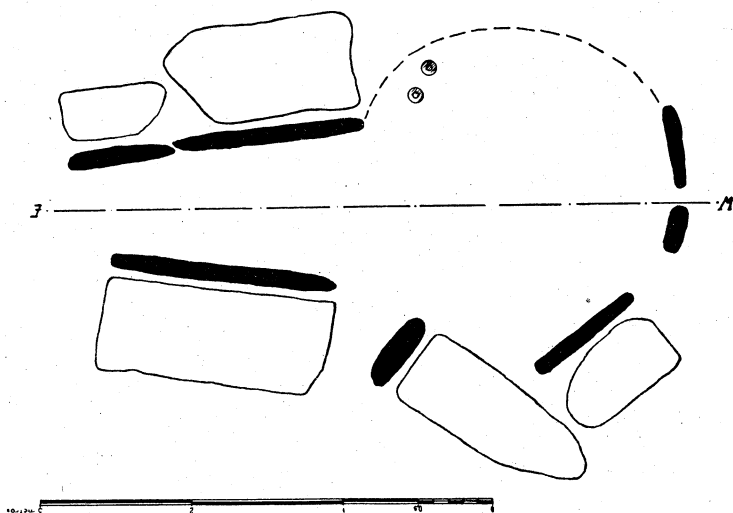


Fig. 3

do monumento do Barro. (Torres Vedras) que é, já se vê, doutor tipo de construção e cultura. O Prof. Heleno forneceu-nos muito amavelmente as medidas dos maiores monumentos megalíticos do Alentejo que têm respectivamente no diâmetro da câmara:

Anta da Comenda — da Igreja	4 ^m ,60
Anta do Paço	4 ^m ,20

bastante menores, como se vê, da enorme câmara do agora estudado. A galeria não estava violada e, foi aí, que encontramos o

melhor material. Na cripta, apenas a área junto aos esteios estava intacta, e podemos observar qual era a posição do espólio. Em cada intervalo dos esteios, junto à base, encontramos restos de vasilhas de barro, uma amoladeira, uma placa de xisto gravada e fragmentada, furadores, duas lâminas de xisto, etc.

Na galeria foram encontradas duas lâminas, uma de sílex e outra de calcário oolítico silicificado. Qualquer delas bem retocada

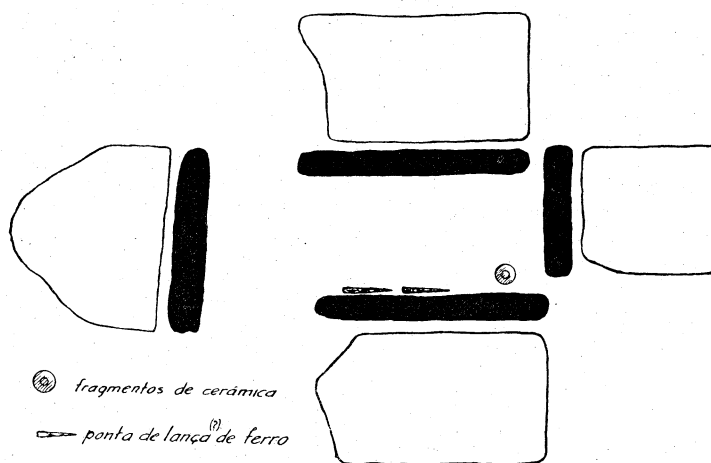


Fig. 4

Sepultura n.º 2 das Boiças. — A cerca de 500 metros para Nascente da sepultura anteriormente descrita encontra-se uma poderosa mamoa. Dentro, e orientada EW, foi encontrada uma curiosa galeria coberta ou cista megalítica do mesmo tipo das das Caldas de Monchique. Sepultura ligeiramente elíptica, com pequena entrada e tendo como cabeceira um único esteio. Foi realmente pena que nada contivesse. Não lhe falta nenhum esteio e o seu estado quando da exploração era perfeito. A circunstância de não se haver encontrado espólio deixa em aberto a questão da sua cronologia rigorosa, apenas podemos compará-la, pelo tipo de construção, com as de Monchique.

Sepultura n.º 3 do Monte das Boiças. — A cerca de 300 metros para Sul do primeiro monumento deste grupo, e junto a um

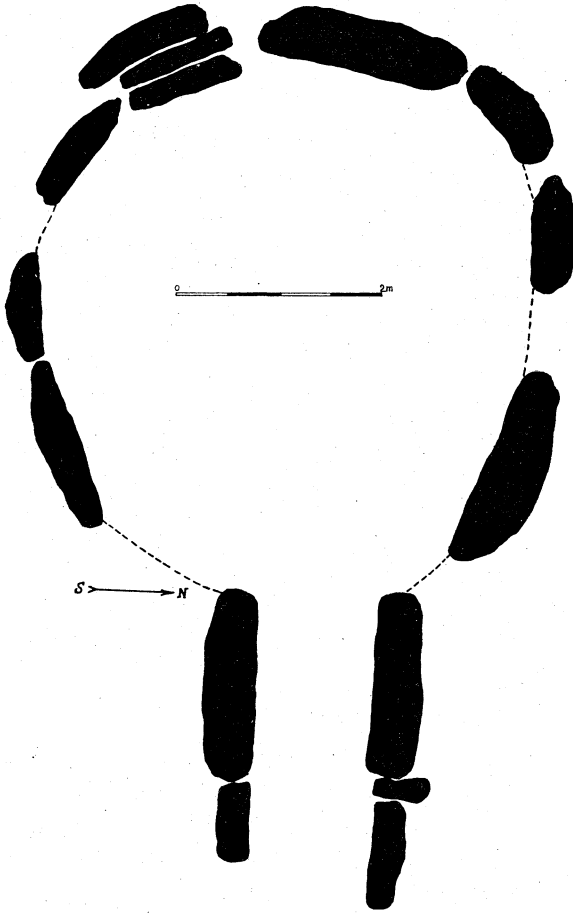


Fig. 5

Monte (Herdade com casas) vê-se uma pequena cista megalítica absolutamente violada. Medimo-la e fotografamo-la.

Sepultura romana. — Quando procedíamos à exploração do monumento da pata do cavalo, fomos fazendo perguntas sobre

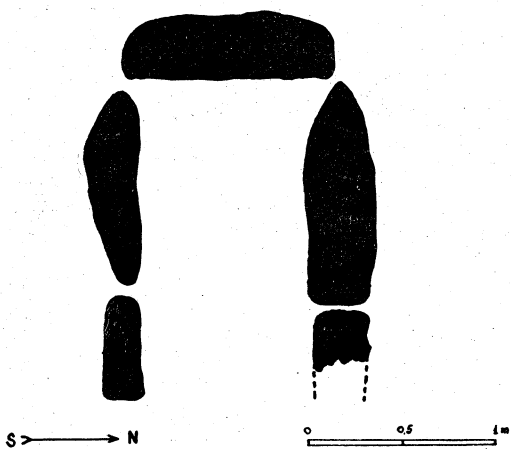


Fig. 6

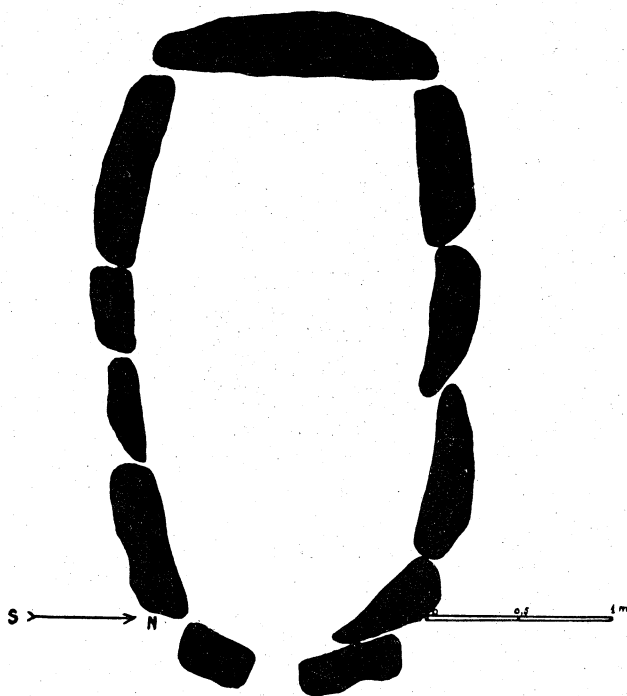


Fig. 7

as ruínas e achados dos *tempos dos mouros* às pessoas que chegavam ao alto do monte para ver desenterrar as grandes riquezas em ouro que os antigos ali guardavam na credence dos pobres diabos que nos apareciam com olhos de cobiça. E assim, soubemos que a cerca de 100 metros para Nascente, numa horta, tinha aparecido em tempos uma caixa feita de diversas pedras e dentro vasos de vidro. Fomos imediatamente ao local falar com o homem que tinha feito o achado e vimos de facto uma cova rectangular, os esteios e a tampa, mas sobretudo o que não nos deixou dúvidas, foram os restos de vasos de vidro. Vimos os bocais de dois *lacrmatórios* ou *ampolas* e o gargalo do vaso quadrado do aspecto de outros já conhecidos.

Trata-se, pois, duma sepultura romana que faz parte, por certo, dum cemitério a explorar. Aqui deixamos a indicação para outros que por lá tenham de passar e trabalhar.

Espólio

O espólio encontrado, em relação à quantidade de sepulturas exploradas e seu tamanho, é quase nulo. Faremos a descrição deste pela ordem da numeração feita para os monumentos.

O espólio do monumento n.º 1 do Lousal, já foi descrito e publicado. Reproduzimos, no entanto, alguns desenhos e as fotografias. (Est. I, fig. 1 — ponta de cobre, fig. 2 — punção de cobre, figs. 3, 4, 5 e 6 — vasos cerâmicos e fig. 6 — placa de arqueiro).

Sepultura n.º 2. — Urna de barro semiesférica com as características das encontradas nos monumentos das Caldas de Monchique, alguns monumentos do Alentejo e grutas da Estremadura. Abertura 125 mm. (Est. II, fig. 8).

Restos de outra vasilha de maiores dimensões paredes muito espessas e elevadas de barro muito grosseiro e anegrado.

Sepultura n.º 3. — Restos de cerâmica grosseira manual e uma pedra furada para servir de pendeloque. O furo é enviesado e parece ter sido aproveitado dum lesim da rocha. Dimensões: comp. 38 mm., larg. 28 mm., esp. máx. 11 mm.

Cista que estava encostada. — Esta sepultura de forma rectangular tinha dentro cerâmica atípica e quatro instrumentos de

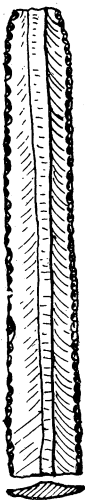


Fig. 8

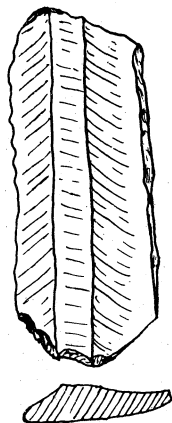


Fig. 9

ferro muito corroídos que parecem lanças. Não há dúvida que o material é o ferro e uma delas parece ainda conservar a nervura da folha de lança. Comp. da maior, 235 mm., da menor, 150 mm.

Sepultura n.º 1 do Monte das Boiças. — Fragmentos de bordos de cinco vasos de pequeno diâmetro, que pelo bordo espesso, parecem pertencer à categoria da cerâmica de tipo dolménico.

Tampa de vasilha feita de pórfiro. É semelhante a algumas feitas de calcário encontradas nas estações da Península de Lisboa. Diâmetro 90 mm.

Faca de sílex finamente retocada em ambos os bordos. Comp. 92 mm., larg. 15 mm., esp. 5 mm. (Est. II, fig. 9).

Grande lâmina de calcário oolítico silicificado. Está muito patinada e os retoques estão muito embotados. Comp. 70 mm., larg. 28 mm., esp. 10 mm. (Est. II, fig. 11).

Grande lâmina tosca de xisto. Comp. 115 mm., larg. 37 mm., esp. 10 mm.

Outra lâmina também de xisto mais pequena. Comp. 67 mm., larg. 30 mm., esp. 8 mm.

Fragmento de placa ídolo de xisto ardosiário gravada numa das faces com dois triângulos e duas faixas. É semelhante às abundantemente encontradas na cultura dolménica portuguesa do Alentejo. Comp. 75 mm., larg. 67 mm., esp. 8 mm. (Est. II, fig. 10).

Amoladeira de grauvaque «borra de vinho». De formato rectangular e relativamente espessa apresenta nas duas faces uma depressão muito polida produzida pela passagem repetida de um objecto duro com o fim certamente de o desgastar e polir dada a natureza da rocha de que é feita a amoladeira.

Na estação pré-histórica da Herdade da Fontalva, cujo espólio se encontra no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal oferecido pelo Dr. Rui de Andrade, e que está a ser estudado por um dos signatários (V. Ferreira em colaboração com A. do Paço e A. Viana), encontram-se alguns tipos de amoladeira, mas diferentes deste, pois serviram também de pilão ou mó. Comp. 124 mm., larg. 80 mm., esp. 32 mm.

Lasca de sílex com bulbo de percussão bem marcado. Comp. 42 mm., larg. 24 mm., esp. 12 mm.

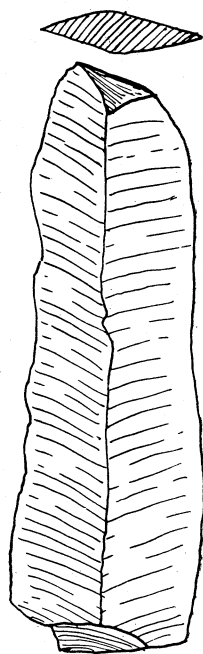


Fig. 10

Furador de quartzito, em que a ponta, apresenta alguns retoques. Comp. 55 mm., esp. 11 mm.

Fragmento de placa de xisto ardoso com sulcos. Comp. 42 mm., larg. 32 mm., esp. 2 mm.

Como se disse no início, as outras duas sepulturas não continham espólio. As cistas de tipo argárico também não, e a sepultura romana apenas continha restos de vasilhas de vidro.

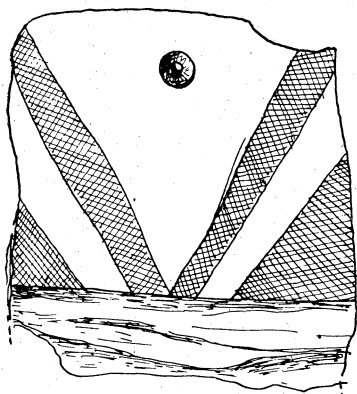


Fig. 11

CONCLUSÕES

Ao publicarmos a nota sobre o monumento pré-histórico do Lousal, havíamos dito ter a esperança de encontrar outros elementos cronológicos, quando explorássemos as restantes sepulturas que haviam

sido já identificadas. Porém, nada de novo se encontrou, continuando de pé o que dissemos quanto à cronologia do primeiro monumento. Não há dúvida que os outros monumentos do Lousal e os das Boiças em nada se assemelham ao já estudado. Embora dois deles possam ter sido cobertos pelo sistema de falsa cúpula, não nos parece terem qualquer influência almeriense. As galerias cobertas ou cistas megalíticas trazem um novo elemento para o Alentejo, pois não as conhecíamos senão no Algarve. Certas pequenas sepulturas do Alentejo, que alguns autores querem comparar com as do Algarve, em nada se assemelham. Tivemos a oportunidade de observar isto quando na companhia de Georg e Vera Leisner explorámos algumas pequenas mamoaas na serra de Montargil, que haviam sido assinaladas dois anos antes, por um dos signatários da presente

nota (V. Ferreira) quando procedia ao levantamento geológico da Serra.

No conjunto das pesquisas feitas, podemos dizer haver quatro núcleos culturais diferentes, admitindo serem as cistas do período argárico, e a sepultura 3-A da idade do ferro.

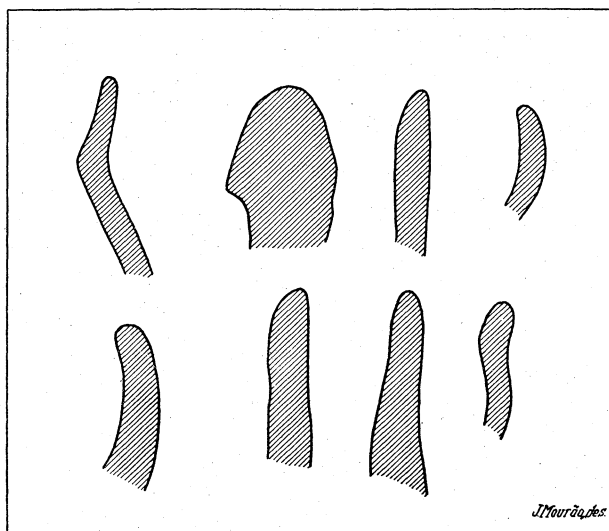


Fig. 12

No núcleo megalítico podemos observar três sistemas de sepulturas:

- a) Uma sepultura com influências de Alcalar ou Almeria.
- b) Duas sepulturas possivelmente de falsa cúpula.
- c) Três sepulturas do tipo cista megalítica.

Cronològicamente este conjunto pertence ao Eneolítico, embora haja necessariamente diferenças de idade entre ele. De qualquer modo o conjunto deve estar situado entre os 2.000 a 1.700 anos a. C. (1).

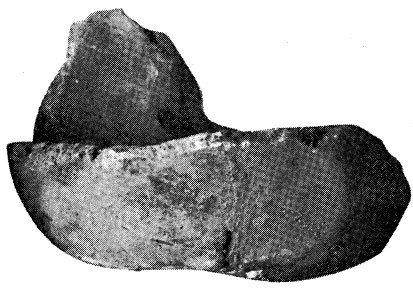
(1) Para a bibliografia sobre os problemas de cronologia do Eneolítico do Algarve e Alentejo ver principalmente os seguintes trabalhos: J. Formosinho, O. da Veiga Ferreira e A. Viana, *Estudos*, op. cit.; Georg Leisner, *O dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo*. «Biblos», Coimbra, 1944; Georg Leisner, *Antas dos Arredores de Évora*. A Cidade de Évora, 15-16, Ano VI, Évora, 1948; Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlim, 1943; A. Viana, J. Formosinho e O. da Veiga Ferreira, *Algumas notas sobre o Bronze Mediterrânico do Museu Regional de Lagos*. Zephyrus, IV, Salamanca, 1953; A. Viana, *O Monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo)*. Zephyrus, IV, Salamanca, 1953; Georg e Vera Leisner, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz — Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*. Lisboa, 1951; A. Viana, *Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas*. Trab. de Antrop. e Etnol. Vol. XII, fasc. 3-4, Porto, 1950; M. Vaultier e G. Zbyszewski, *Le dolmen de Casal de Penedo (Verdelha dos Ruivos)*. Trab. de Antrop. e Etnol. Vol. XIII, fasc. 1-2, Porto, 1951; O. da Veiga Ferreira e A. Rodrigues Cavaco, *O Monumento pré-histórico do Lousal (Grândola)*. Op. cit., etc.



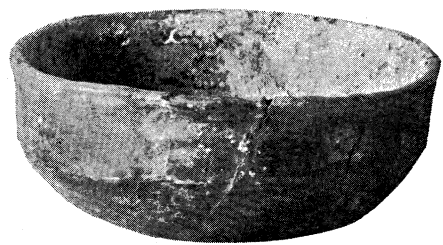
1



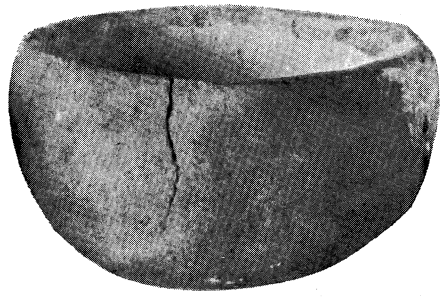
2



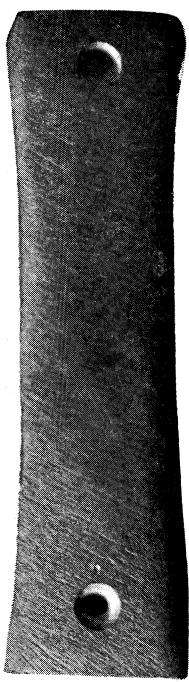
3



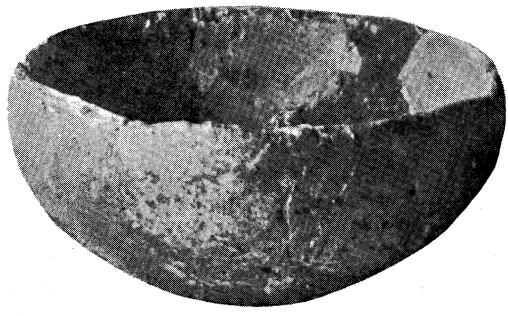
4



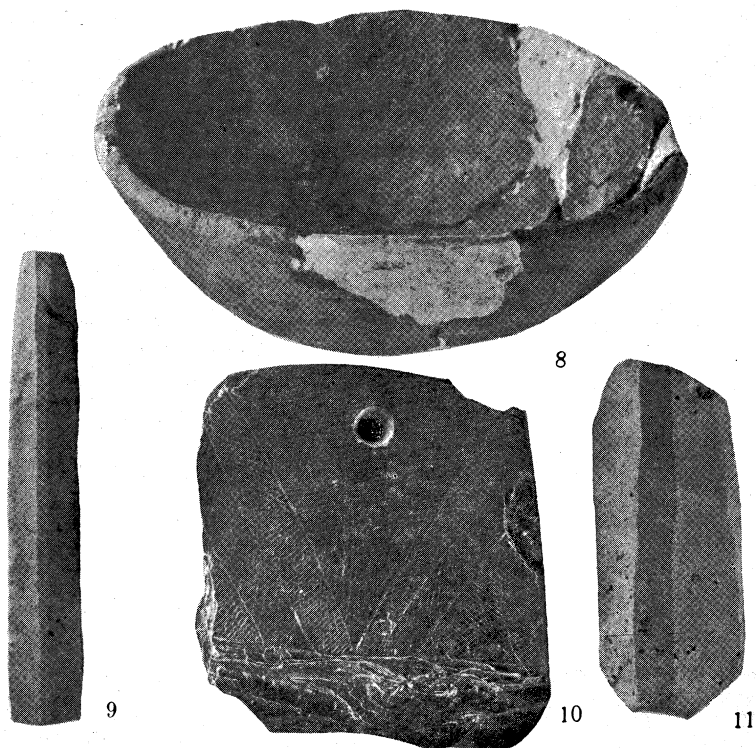
5



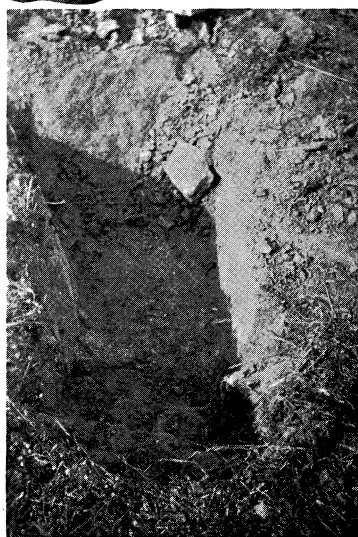
6



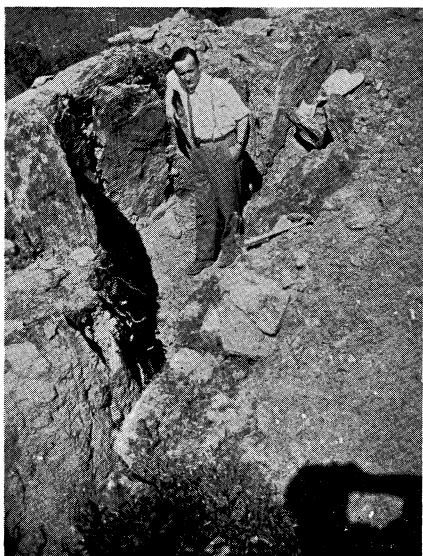
7



1 — Tipo de cista do Lousal



2 — Outra cista do Lousal



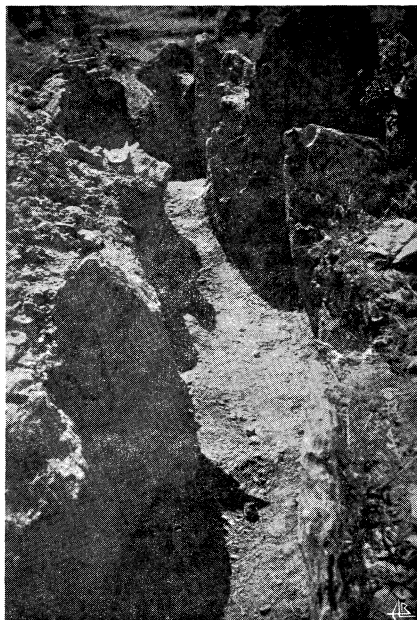
1 — Passagem entre a cripta principal e a secundária



2 — O conjunto visto da cripta secundária



3 — A cripta principal e a galeria



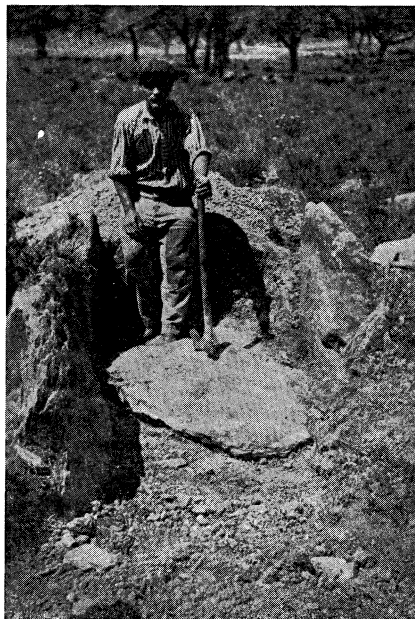
4 — Vista do monumento desde a galeria



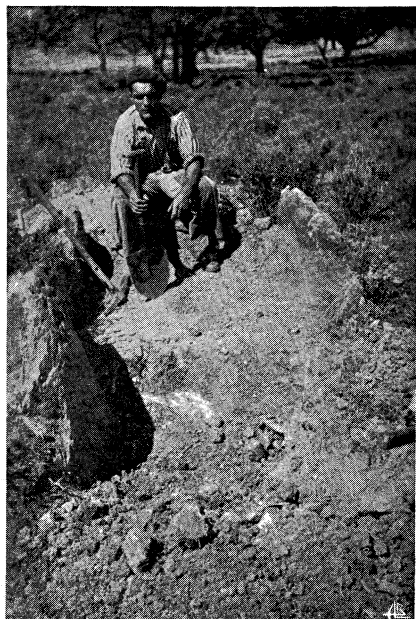
5 — Vista do túmulo n.º 2 do Monte das Boiças — Lousal



6 — Vista do túmulo n.º 3 do Monte das Boiças — Lousal



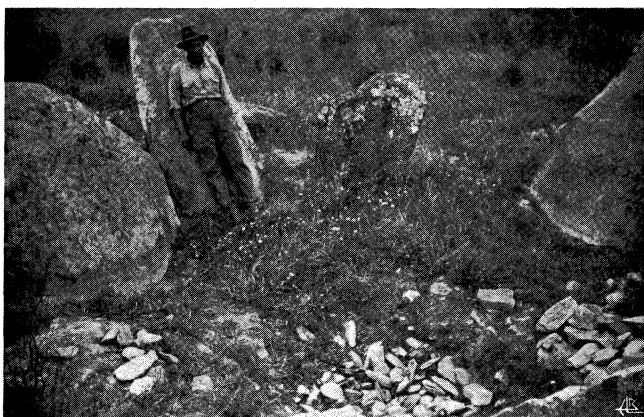
7 — Túmulo n.º 2 do Lousal durante a escavação



8 — Túmulo n.º 2 do Lousal finda a exploração



9 — Túmulo da Pata do Cavalo — Lousal



10 — A câmara do túmulo da Pata do Cavalo antes da escavação



11 — A mesma câmara durante os trabalhos de exploração